

## **Territórios, tradições e redes sociais - Portela, além do infinito<sup>1</sup>**

Bruno Mota RIBEIRO<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

O presente estudo analisa as relações construídas entre os torcedores e a centenária Escola de Samba Portela nas redes sociais apesar da distância física. Indo contra o que se tinha tradicionalmente como chão, pertencimento e comunidade, hoje pessoas de diferentes lugares do mundo se sentem parte da Portela devido ao uso de redes sociais e aproximações realizadas em cada postagem. Entender como uma Agremiação do carnaval carioca sustenta um dos seus principais pilares de tradição através de mídias digitais e os pertencimentos que cercam essa questão nos permite entender na prática conceitos de territorialidade na ótica cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Territórios; Redes Sociais; Carnaval; Comunicação.

Conhecido como "o maior espetáculo da Terra", o carnaval das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, hoje ainda é muito próximo daquilo que era há cerca de 100 anos atrás em questão de estrutura dos desfiles. Entretanto, seu crescimento caminhou junto de seu alcance e fama afetando diretamente uma de suas principais tradições e características: a comunidade.

Buscando entender as novas relações entre as agremiações carnavalescas e torcedores, transpassando pelas sensações de pertencimento que englobam territorialidades e, no caso, é uma das mais importantes tradições das Escolas de Samba, iremos analisar as construções dessas sensações a partir da atuação da Portela no Instagram e na recepção por parte de seus torcedores. Para isso, é fundamental entender a importância da comunidade de uma Escola para a mesma (e vice e versa), o que nos leva direto ao início das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, na década de 20 do Século XX.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa - Comunicação, Música e Entretenimento, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Comunicação Social do PPGCOM-UERJ, e-mail: [ribeiro.brunomota@gmail.com](mailto:ribeiro.brunomota@gmail.com).

---

O surgimento das agremiações cariocas, remonta o início do século passado, onde as mudanças sociais e geográficas do Rio de Janeiro estavam a todo vapor. Então capitão federal, a cidade passava por importantes modificações, que afetaram o grande centro e influenciaram diretamente a vida de quem morava ali, sendo esses em sua maioria negros, pobres e descendentes de escravos que buscavam oportunidades de trabalho.

Como contextualiza Kasahara (2016), já no ano de 1894 o Rio de Janeiro via o surgimento do seu primeiro Rancho, antigas agremiações carnavalescas próximo ao que temos hoje como bloco de carnaval, e pouco depois, em 1917, o Brasil ganhava seu primeiro samba gravado, "Pelo Telefone" de Donga e Mario Almeida. Nessa época o samba começava a ganhar força na cidade, em especial nas casas e terreiros das tias da Pequena África, região do centro da cidade próximo ao porto, e também internacionalmente com os 8 Batutas viajando para França em 1922, como conta Neto (2021). Para além das mudanças culturais, como o nascimento do novo ritmo musical, a cidade passava também por alterações em sua geografia, como citado anteriormente. Essas obras e mudanças na geografia da cidade tinham foco na limpeza da região central, expansão da Avenida Rio Branco e o fim dos cortiços, grandes casarões que abrigavam dezenas (e até centenas) de famílias em seus cômodos. Esse fato foi fundamental para o surgimento e crescimento de algumas favelas nas encostas dos morros próximos, e nascimento dos bairros do subúrbio que seguiam a linha do trem, como explicam Cabral (1996) e Ferreira (2000). Para o subúrbio, foram as famílias com condições de pagar pela passagem para ir trabalhar, e nas favelas ficaram as famílias com menos acessos. Além de novos moradores, esses bairros receberam também o samba e a semente do que viria a ser o carnaval das Escolas de Samba.

Para entender a relação de pertencimento e novas sensações de territorialidade junto às agremiações, o presente artigo se dividirá contando brevemente a história das Escolas de Samba, e então suas relações com torcedores, depois uma breve análise de como se dão as estruturas de pertencimento para então analisarmos as formas como a Portela digitalizou esse sentimento tão ligado a presença física e participação afetiva.

### **A Origem das Escolas de Samba: Festa e território**

As primeiras Escolas de Samba surgem quase ao mesmo tempo, mas todas com uma origem muito semelhante. Cabral (1996), Guaral (2012) e Neto (2021) contam que

---

o carnaval como conhecemos hoje surge logo no começo das primeiras Escolas de Samba, mas antes disso é importante entender os contextos e recortes do Rio de Janeiro das décadas de 10 e 20.

Na virada dos séculos XIX para XX o carnaval de rua passava por significativas mudanças, com o fim dos entrudos de origem portuguesa, que consistia em uma brincadeira desordenada destacada pelos arremessos de bisnagas e cabaças com farinha, bombinhas de mau cheiro e outros itens, e surgimento dos primeiros Ranchos. O primeiro é datado de 1894, como citado anteriormente, chamado de Reis de Ouro, que apesar de surgir na Pedra do Sal, região da Pequena África, rapidamente foi adotado pela classe média e intelectuais, como explica Goés (2002). Também nesse mesmo período os cordões, agrupamentos que andavam pelas ruas cantando marchas acompanhadas por conjunto instrumental com destaque aos seus estandartes, começavam a reduzir suas participações no festejo carioca, como contextualiza Arantes (2013).

Como citado por Goés (2002), na primeira década do século XIX o carnaval era dividido entre o carnaval dos pobres na Praça XI, dos remediados na Avenida Central e da sociedade com os desfiles de curso, onde grupos se juntavam em carros com suas capotas abaixadas e passeavam jogando confetes nas pessoas, e bailes de carnaval inspirados nos bailes de máscaras europeus. É durante essa época que nos Morros da Mangueira e no São Carlos, figuras como Cartola e Ismael Silva viam as rodas de samba ganharem destaque e os blocos descendo para o Centro para curtir o carnaval de rua, bem como na região de Oswaldo Cruz e Madureira, como explicam Guaral (2012) e Cabral (1996).

Os autores completam que aos poucos essas rodas, que no carnaval desciam para brincar na Praça XI, começaram a se organizar para passarem mais bonitas e cantando os mais belos versos. Enquanto a turma do Estácio dizia ser a Escola de Samba, Paulo da Portela e companhia saíam de Madureira em seus melhores trajes, tal qual Doutores do Samba. Mais do que brincar carnaval e ser melhor que os outros sambistas, os primeiros desfiles dos blocos era marcado também pelo pertencimento e territorialismo, uma vez que os blocos levavam os nomes dos bairros, como a Portela, que levava o nome "Baianinhas de Oswaldo Cruz" virando tempos depois o "Conjunto Carnavalesco Oswaldo Cruz".

Muito além do nome, os blocos de Oswaldo Cruz levavam também dezenas de foliões da região para o Centro da cidade, junto das mulheres do bairro que Paulo da Portela fazia questão de ir pessoalmente convidar, como contextualiza Guaral (2012). O autor conta também que foi no ano de 1923 que o bloco "Conjunto de Oswaldo Cruz" se une ao "Come Mosca", que também era de Oswaldo Cruz, porém possuía alvará para desfile, para então surgir a Portela. Mesmo com as novas estruturas e o crescimento da, agora Escola de Samba, Portela, o pertencimento como identidade seguiu agindo, de modo que na ausência de quadra para se reunir e cantar os sambas, os membros se reuniam no trem que saía da estação Central rumo ao subúrbio fazendo daquele vagão a quadra da Escola e daquela volta para casa o evento da semana da Agremiação.

O carnaval das Escolas de Samba cresceu rápido, formando o que hoje conhecemos como chão. Esses termos, remetem ao que uma Escola de Samba têm de mais valioso e tradicional dentro de sua esfera afetiva de construção de um desfile. Lopes e Simas (2021) explicam que ambos os termos estão ligados diretamente ao pertencimento e tradição de uma Escola, sendo a comunidade os indivíduos que vivem próximos ao núcleo da mesma e compartilham dos interesses zelando pela manutenção das tradições, bem como, auxiliando-a na construção do carnaval. Esse zelo da comunidade, sua participação efetiva e também afetiva, constroem o chão da Agremiação. Um chão forte pode ser crucial para um título, por exemplo, uma vez que o quesito Harmonia julga o canto e alegria dos desfilantes.

### **O crescimento do carnaval, novos territórios e a construção do pertencimento**

Esse crescimento se dá, inclusive, pelos primeiros concursos de carnaval envolvendo essas agremiações. Neto (2021) e Kasahara (2016) contextualizam que na década de 20, junto ao surgimento das primeiras Escolas de Samba, sendo elas Portela, Deixa Falar (atual Estácio de Sá) e Mangueira, ocorreu o primeiro concurso. Mais especificamente em 1929, Zé Espinguela, que era jornalista, organizou o que viria a ser o primeiro concurso de Escolas de Samba, onde foram analisadas as letras das composições, tendo o resultado divulgado em seu jornal. Três anos depois, já no ano de 1932, foi organizado o primeiro concurso de desfiles das recém criadas Escolas de Samba, onde além de analisar os sambas também observaram as apresentações. Esse concurso, idealizado pelo jornalista Mario Filho, do então jornal Mundo Sportivo, visava aproveitar o intervalo entre campeonatos de futebol para exaltar o fenômeno que

crescia na capital. Pouco tempo depois, começam a surgir outras agremiações, como a Tijuca, no Morro do Borel, e a Vizinha Faladeira, no bairro do Santo Cristo. Esse movimento de novas Escolas se tornou uma constante nas décadas seguintes. Em 1940, 5 anos após o reconhecimento das agremiações e a criação da nomenclatura GRES (Grêmio Recreativo Escola de Samba), os desfiles já faziam parte do calendário de carnaval da cidade e também da geografia, ganhando o direito de acontecer na principal via da cidade, a Avenida Rio Branco.

Seu destaque junto a população era notório e a proximidade das agremiações com suas comunidades chamaram atenção de Getúlio Vargas que viu nos desfiles uma forma de se comunicar com a população, como explica Guaral (2012). Essa aproximação das Escolas com suas comunidades, que tanto despertou interesse do governo, continuou a aumentar nas décadas seguintes com o constante crescimento e popularização dos desfiles. Essa aproximação das Escolas com suas comunidades estava atrelado, entre outros fatores, com a identificação e pertencimento devido aos territórios físicos que englobavam o núcleo daquela Escola, ou seja, os bairros ao redor da quadra.

Esses pertencimentos se conectavam diretamente com os territórios e a identidade dos torcedores das Escolas de Samba, também pela falta de opções de lazer e de condições financeiras para brincar carnaval em outros bairros, como explica Guaral (2012). Além das limitações sociais e financeiras, as proximidades ancestrais foram fundamentais nas construções dessas atmosferas afetivas que cercavam as agremiações, como por exemplo a Portela e o bairro de Oswaldo Cruz. O autor diz que aquela região era, em sua maioria, habitada por negros vindos de Congo e Angola, e depois com o crescimento do subúrbio passou a receber também moradores de classe média entre eles Tia Ciata (Dona Ester) que, vinda da Bahia, recebia em sua casa outros baianos que vinham tentar empregos na capital.

Diante do crescimento e evolução do carnaval, as Escolas passam também a serem importantes para suas comunidades, demarcando também seus espaços sociais diante da cidade. Isso se mostra também na década de 50, uma vez que diante do alcance das agremiações e dos desfiles, as quadras das Escolas começam a receber cada vez mais visitantes de fora de seus núcleos, obrigando-as a passar a cobrar ingressos na entrada de seus eventos e ensaios, como explica Cabral (1996). O autor conta também que as décadas seguintes foram cruciais para o desenvolvimento e maior alcance das Escolas com o surgimento de grandes nomes de carnavalescos, o surgimento dos discos

---

com os sambas enredos e a cobertura televisiva. Com um alcance muito maior, as Escolas começam a afetar diferentes torcedores de diferentes bairros, criando comunidades baseadas não mais em seus núcleos geográficos, mas também no imaginário afetivo. Em outras palavras, o sentimento de pertencimento deixa de ser originário da proximidade territorial e passa a ser constituído por sensações de encantamento.

### **As redes sociais e territórios afetivos - Portela além do infinito**

As coberturas midiáticas foram fundamentais para algumas mudanças no carnaval, uma vez que foram também parte importante no crescimento do mesmo. Com maior alcance devido a novas mídias, como a Televisão, o carnaval passa a ter mais torcedores e alcance, fazendo-se necessário dar fim aos desfiles em avenidas da cidade e passando assim a ter um local determinado e criado focado nas Escolas de Samba, surgindo então o Sambódromo na década de 80, expandindo também o número de pessoas presentes nas arquibancadas para assistir, aumentando ainda mais o alcance e afetos das Escolas com a população da cidade. De acordo com Grossberg (2010) a economia tem ditado experiências e construções que dialogam com lógicas afetivas afim de aumentar seus alcances e influências, o que pode ser percebido não apenas na cor do chão da Sapucaí por pedido de uma emissora de TV<sup>3</sup>, mas também nos enredos patrocinados, onde tenta-se a partir da popularidade e alcance do carnaval, normalizar e apresentar determinado lugar, empresa ou mercado.

Essas mudanças na cobertura e no destaque da festividade, influenciou as estruturas das Escolas de Samba, mesmo que sem reduzir as relações de afeto entre torcedores e pavilhões, porém modificando e expandindo-os. As relações que antes eram diretamente ligadas a pertencimento físico, e territorialismos geográficos, hoje, por conta das diferentes mídias, se expandem e adaptam para alcançar outros locais e novas formas de torcer, mas sem reduzir a sensação de pertencimento, seja pelo imaginário afetivo ou pela manutenção de tradições, gerando assim novas paisagens afetivas.

Para Grossberg (2018) entende-se como paisagem afetiva a compreensão que a articulação e/ou apropriação de práticas e discursos integram contextos culturais. Dessa

---

<sup>3</sup> A TV Manchete, que realizava as transmissões dos desfiles junto a TV Globo, sugeriu o chão branco para melhorar a captação das imagens pelas câmeras e aumentar o destaque de cores e detalhes das alegorias, como explicado por Nascimento (2023).

forma, é possível afirmar que seja pelo imaginário afetivo, pela manutenção de tradições ou por conta de memórias afetivas, as paisagens afetivas do carnaval se moldam surgindo no território afetivo físico da Agremiação e se reproduzindo no imaginário das redes sociais, uma vez que as mesmas, segundo Baym (2010), permitem a promoção de públicos em rede e, mais que isso, permitem que mesmo distantes os usuários se engajem emocional e mentalmente em outros lugares. Essas conexões afetivas têm origem nas emoções que, por sua vez, produzem as suas próprias fronteiras, segundo Ahmed (2004).

Essas relações afetivas criadas nas diferentes mídias da Portela, constroem o que Ahmed (2004) explica como economia afetiva, uma vez que a sensação de pertencimento e territorialidade é produzida no torcedor fora do núcleo da Agremiação a partir da sociabilidade das emoções. Para a autora, emoções não são apenas uma característica individual, porém integram economias afetivas que constroem corpos individuais e coletivos, tanto no que engloba o consumo, quanto no que engloba o pertencimento, inclusive muitas vezes um estando ligado ao outro. Quando o portelense é afetado pelos desfiles, ou sambas da Escola, ele busca expandir sua proximidade com a mesma e se conecta a redes afetivas da Agremiação, participando de trocas entre membros da comunidade que compartilham de uma emoção em comum que fortalece os laços comunitários, e também as relações particulares de cada um diante da Portela.

Em um contexto no qual públicos são movidos por conexões afetivas em plataformas digitais, como explica Papacharissi (2015), essas emoções que movem os torcedores nas redes sociais estendem as tradições da Escola, e toda a construção emocional de pertencimento do torcedor portelense de modo que tais tradições que por vezes afetam e são afetadas pelo chão “físico” da Agremiação não percam sua essência junto ao torcedor que não se faz presente fisicamente na Escola. Dessa forma, a Portela consegue manter e defender suas tradições enquanto rompe as barreiras do pertencimento geográfico e, por meio da mídiatização do carnaval através do consumo capitalizado da festa, expande o imaginário que cerca a construção afetiva da Agremiação.

Para a Portela, essas novas formas de consumo e influências na cultura, ao mesmo tempo que ampliam as sensações de pertencimento, permitem também mudanças no que diz respeito a esse pertencimento. Se outrora "ser Portela" englobava questões efetivas de pertencimento e a presença em determinada região geográfica da



cidade, hoje o torcedor em qualquer lugar, através das comunidades afetivas digitais e/ou consumo das redes sociais da Escola, pode se sentir pertencente a esse grupo, e por meio dessas mídias, construir esses afetos. Ao cantar "Sou carioca, sou de Madureira" (Portela, 2014), junto ao samba enredo de 2015, o torcedor portelense não apenas evoca um lugar de fala e pertencimento, mas também traz consigo um lugar de afeto, onde a partir da mídiatização dos carnaval e das comunidades de torcedores, o núcleo geográfico se expande junto ao seu torcedor e sua rede afetiva.

Segundo Vaz<sup>4</sup> (2023), diante dos novos alcances e cenários, naturalmente as comunicações e afetos de uma Escola de Samba se modificaram, de modo a alcançar e acalantar todos os novos torcedores e alcances. Mesmo que torcedores de fora da cidade muitas vezes tenham culturas regionais distantes, a Portela busca sempre se conectar usando as redes sociais e o imaginário afetivo por meio de postagens que buscam a valorização do sentimento de ser Portela e da manutenção de memórias afetivas. Essa construção de um território digital, a partir do pertencimento afetivo, foi explorado, por exemplo, durante os preparativos do centenário da Escola e pode ser percebido na fala a seguir:

"(...) A gente procurou sim, neste ano do centenário, conectar ao máximo a memória afetiva dessas pessoas que viveram, construíram essa escola. A gente procurou resgatar o Richard para desfilar, a Andréia Machado para desfilar, o Tatu, que é um antigo mestre sala, desfilou. Então, inúmeras pessoas que construíram a escola, praticamente todas elas saíram na Portela nesse ano, mas a gente procurou... Fez que essas pessoas estivessem participando do desfile com a gente. (...) A gente procurou... Fez lives e através dessas lives a gente procurou conectar todo mundo que tivesse em qualquer parte com essa vibe do desfile, essa coisa toda de se sentir representado."  
(VAZ, 2023)

Vaz (2023) explica também que o planejamento da Portela sempre engloba todos os torcedores, buscando formas de aumentar essa aproximação com os torcedores fora do núcleo físico da Agremiação, indo além das postagens nas redes sociais, com programa de sócio torcedor, loja virtual com produtos diversos, indo muito além da

---

<sup>4</sup> Diretor de comunicação da G.R.E.S. Portela.



---

camiseta da Escola, permitindo assim que o torcedor tenha a Portela em sua rotina, e com a criação de consulados. Porém, devido ao seu alcance e possibilidades de criar espaços de compartilhamento de histórias e, portanto, de emoções, as redes sociais tem parte fundamental no planejamento de abordagem e manutenção junto aos torcedores mais distantes.

"(...) Nas redes sociais... Elas falam muito pro torcedor. Divulgam os eventos sim, divulgam o produto da escola sim, mas elas também tem um olhar em quem ama a escola. Por exemplo, a gente está sempre lembrando um desfile antigo, está sempre lembrando alguma coisa que imediatamente dá um "start" na memória afetiva... Então, a memória afetiva aqui passa de geração para geração. Esse tipo de coisa é onde a gente chega no torcedor que não participa dos eventos, que de repente, que não é sócio torcedor, que não tem oportunidade de se sentir representado ali, mas essa memória afetiva é universal, todos eles têm. É o carinho pela escola, é uma música antiga do Paulinho da Viola que fala da Portela, é o momento de um desfile específico, isso tudo conecta ele a esse amor, esse carinho e a partir daí que esse pertencimento, isso vai se espalhando e vai representando todos os tipos de portelenses que estão nesse Brasil afora." (VAZ, 2023)

Esse cuidado por parte da Portela, na produção de conteúdo digital, buscando a memória afetiva visando a construção e manutenção desse território imaginativo a partir de emoções, surte efeito junto a seus torcedores uma vez que mesmo em outro Estado, o torcedor consegue fazer parte da rotina da Escola acompanhando os acontecimentos e tendo suas emoções reforçadas pelas construções nas redes sociais. A paixão criada pela Escola, encontra nas redes sociais um encurtamento da distância geográfica criando uma esfera de pertencimento e participação, aumentando o alcance desse território afetivo, seja pela compra de produtos oficiais, pelas trocas com outros torcedores ou pelo simples acompanhamento da rotina da Agremiação, como explica Ferreira (2023).

---

## Conclusão

Durante o crescimento do carnaval carioca, a Portela conquistou lugar de relevância, seja pelos títulos, desfiles ou tradições, sendo ele reafirmado durante os processos de midiaticização dos desfiles de carnaval, criando novos afetos com pessoas para além do núcleo da Escola. Se antes esse consumo era por meio de desfiles na Televisão e o consumo dos sambas nos Discos e CDs, com as redes sociais, o alcance e as formas de consumo se modificam e solidificam as relações com esses novos torcedores.

Apesar de modificada, uma das maiores tradições do Carnaval, que são as comunidades das Escolas de Samba, se encontram expandidas a partir de novas territorialidades afetivas construídas pelas mídias digitais. Hoje, através do acompanhamento pelas redes sociais e compra de produtos no site, um torcedor da Portela consegue se sentir e fazer parte da comunidade afetiva e emocional da Escola, mesmo que distante fisicamente, do contrário ao que se fazia necessário no século passado.

O uso das redes sociais pela Portela auxiliou a construção de paisagens afetivas, que expandiram suas territorialidades para além dos limites geográficos de proximidade, criando territórios de pertencimento baseado nos afetos e trocas. Seja pela possibilidade de acompanhar a rotina da Escola ou por poder dialogar com a mesma e outros torcedores, as redes sociais se tornaram ferramentas fundamentais não só de comunicação com seus adeptos, mas permitindo novos afetos e emoções para além das fronteiras e limites físicos.

A aproximação do torcedor junto à rotina da Agremiação, bem como, a sensação de pertencimento da comunidade, geram territórios imaginários e afetivos, sejam eles pessoas que frequentam a quadra e moram próximo à Escola ou pessoas mais distantes, permitindo que a sensação de "ser Portela" transpasse limites geográficos e físicos, se tornando uma construção apenas emocional. Essas novas atmosferas de consumo ligadas a emoções e performances, agora recortadas também por novas telas, consumos e economias, permitem não só o crescimento da Escola, como também valorizam a cultura que a mesma leva consigo e o seu lugar originário geográfico. Hoje a Portela é de Madureira, Oswaldo Cruz e de onde mais tiver portelenses.

---

## REFERÊNCIAS

- AHMED, S. Affective economies. *Social Text*, Durham, V. 22, N.2, p. 117-139, Verão 2004.
- ARANTES, Nélio. Pequena História do Carnaval no Brasil. Portal de Divulgação, São Paulo, N. 29, p. 06-20, Fev. 2013.
- BAYM, N. K. *Personal connections in the digital age*. Cambridge: Polity, 2010.
- CABRAL, S. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Lumiar, 1996.
- FERREIRA, L. F. Rio de Janeiro, 1850 - 1930: a cidade e seu carnaval. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 9-10, p. 7 - 34, Jan/Dez, 2000.
- FERREIRA, N. D. Entrevista com Nilvia Daniele Ferreira. Entrevista concedida a Bruno Mota Ribeiro. Rio de Janeiro, 08 ago. 2023.
- GOÉS, F. *Imagens do Carnaval Brasileiro do Entrudo aos Nossos Dias*. *Brasiliana da Biblioteca Nacional; guia das fontes sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional /Nova Fronteira, 2002. , p.573-588.
- GROSSBERG, L. *Cultural Studies in the Future Tense*. Durham: Duke University Press, 2010.
- GROSSBERG, L. *Under the cover of chaos: Trump and the Battle for the American Right*. 2018. Londres: Pluto Press, 2018
- GUARAL, G. *Estado novo da Portela*. Jundiaí: Ed. Paco Editorial, 2012.
- KASAHARA, I. A história dos desfiles das Escolas de Samba. Multirio, 2016. Disponível em: < <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/8651-a-historia-dos-desfiles-das-escolas-de-samba> Acesso em 17, Jul. 2023.
- LOPES, N. e SIMAS, L. A. *Dicionário da história do samba*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2021
- NASCIMENTO, S. Sambódromo do Rio tem pista branca à pedido da TV Manchete. Na Telinha, 2023. Disponível em: < <https://natelinha.uol.com.br/colunas/coluna-do-sandro/2023/02/19/sambodromo-do-rio-tem-pista-branca-a-pedido-da-tv-manchete-194115.php>>. Acesso em 17, Jul. 2023.
- NETO, L. *Uma história do samba - as origens*. São Paulo: Ed. Companhia Das Letras, 2017.
- PAPACHARISSI, Z. Affective publics and structures of storytelling: sentiment, events and mediality. *Information, Communication & Society*, Abingdon, V. 19 , N. 3, p. 307-324, Nov 2015.
- PORTELA. *ImaginaRio, 450 janeiros de uma cidade surreal*. Rio de Janeiro: LIESA: 2014. Suporte 6:02.
- VAZ, P. R. Entrevista com Paulo Renato Vaz. Entrevista concedida a Bruno Mota Ribeiro. Rio de Janeiro, 01 ago. 2023.

---

## Apêndice 1

### **Entrevista realizada pelo autor com o Diretor de Comunicação da G.R.E.S. Portela Paulo Renato Vaz, no dia 01 de Agosto de 2023 no Barracão da Portela.**

AUTOR: Essa entrevista tem fins científicos para pesquisa e eu queria sua autorização para gravar a conversa e poder publica-lá

PAULO VAZ: Sim Bruno, eu autorizo.

A: Durante essa construção de centenário, houve alguma preocupação em: precisamos que todos os portelenses se sintam aqui com a gente? Teve esse cuidado com esse pertencimento?

PV: A gente procurou conectar o tempo inteiro. Se você ver... Acho que nenhum carnaval da Portela a gente teve tantas visitas ilustres. O Paulinho da Viola veio ao barracão num dia. A Marisa Monte veio ver no outro. A gente registrou, a gente cercou eles de carinho, de cuidado. Eles nos cercaram de carinho, de cuidado, foram super atenciosos com a gente. O carnaval infelizmente não deu certo, mas isso aí faz parte. Isso aí é o carnaval, a gente já foi campeão, já teve percalço e tudo. A gente já virou essa chave e tá muito, muito, muito focado nesse carnaval de 2024, que certamente vai dar muito certo. Mas assim, a gente procurou sim, nesse ano do centenário, conectar ao máximo a memória afetiva dessas pessoas que viveram, construíram essa escola. A gente procurou resgatar o Richard para desfilhar, a Andréia Machado para desfilhar, o Tatu, que é um antigo mestre sala, desfilou. Então, inúmeras pessoas que construíram a escola, praticamente todas elas saíram na Portela neste ano, mas a gente procurou... Fez que essas pessoas estivessem participando do desfile com a gente. Então, foi bastante emocionante essa parte.

A: E para o torcedor de fora, também houve essa preocupação de "esse cara aqui tem que estar com a gente, ele precisa sentir que ele está aqui em Oswaldo Cruz"?

PV: Então, a gente procurou... Fez lives e através dessas lives a gente procurou conectar todo mundo que tivesse em qualquer parte com essa vibe do desfile, essa coisa toda de se sentir representado. Criou essa expectativa. Então a gente procurou através das redes, quem não pôde estar... Porque imagina, a gente tem uma limitação de 2.200, 2.500 componentes, você não pode colocar todas as pessoas que são Portela no desfile, mas a

---

gente procurou dosar bem isso e fizemos muitos eventos pré carnaval e deixamos o torcedor realmente conectado com a escola. Foi uma coisa... E detalhe, o centenário foi uma coisa pontual. Mas a gente não vai perder essa pegada não. A gente quer todo mundo aqui de novo, vamos refazer convite para outras pessoas desfilarem. Esse enredo é muito especial, um enredo que fala de ancestralidade, que fala da força da mulher preta. Então a gente tem aqui muita coisa para trabalhar e eu acho que esse enredo é fora da bolha da Portela. Porque é um enredo para a sociedade. Então eu acho que, além de todos esses portelenses que por questão de direito estão aqui, a gente vai um pouco além e vai chamar as pessoas da sociedade a darem a mão a quem der e nos ama nesse enredo de 2024.

A: Em cima disso que você está falando, além dos consulados e do sócio torcedor, existem outras formas de torcedor portelense "off-rio" se sentirem próximos a escola, como você disse, os posts que tentam se aproximar, criar esse vínculo. O que mais a Portela tem feito para criar esse laço que a geografia física não permite, mas a rede social permite de aproximação, de contato, de essa construção de "eu sou", "eu pertenço" com a Escola?

PV: Na verdade a gente procura fazer muito os nossos posts... Os nossos posts já são por si só muito interativo, já convida a um engajamento maior. Eu acho que a gente tem realmente uma alimentação fora dos consulados de criar estruturas físicas de eventos, de tudo, em lugares fora da Portela, tirando a questão dos consulados que já fazem isso por si só. Mas as redes sociais, elas falam muito pro torcedor. Divulgam os eventos sim, divulgam o produto da escola sim, mas elas também tem um olhar em quem ama a escola. Por exemplo, a gente está sempre lembrando um desfile antigo, está sempre lembrando alguma coisa que imediatamente dá um "start" na memória afetiva... Então, a memória afetiva aqui passa de geração para geração. Esse tipo de coisa é onde a gente chega no torcedor que não participa dos eventos, que de repente, que não é sócio torcedor, que não tem oportunidade de se sentir representado ali, mas essa memória afetiva é universal, todos eles têm. É o carinho pela escola, é uma música antiga do Paulinho da Viola que fala da Portela, é o momento de um desfile específico, isso tudo conecta ele a esse amor, esse carinho e a partir daí que esse pertencimento, isso vai se espalhando e vai representando todos os tipos de portelenses que estão nesse Brasil afora.

---

## Apêndice 2

### **Entrevista realizada com a torcedora portelense Nilvia Daniele Ferreira através do Google Meet no dia 08/08/2023.**

AUTOR: Meu nome é Bruno Ribeiro, eu sou pesquisador pelo mestrado da UERJ no curso de Comunicação pela PPGCom e gostaria de fazer umas perguntas referentes a minha pesquisa. Eu gostaria de saber se você autoriza a gravação, o uso e compartilhamento da nossa conversa para fins acadêmicos.

NILVIA: Eu autorizo.

A: Ok, muito obrigado. Só pra gente começar, eu queria saber o seu nome, se você quiser falar, a sua idade e a cidade onde você mora hoje.

N: Meu nome é Nilvia Daniele Ferreira, eu sou de Porto Alegre e tenho 52 anos.

A: É pensando na escola num todo, como é que você faz para consumir a Portela? Você provavelmente ouve os sambas e tal, mas tem outras formas de consumo que você faz da escola?

N: Eu acompanho as redes sociais da escola e sempre que possível eu compro camiseta, que é o mais normal assim da escola... É mais... Mais isso. Eu acompanho o dia a dia da escola pelas redes sociais.

A: Antigamente ali principalmente lá entre a década de 30, a década de 60, ser de uma escola de samba, englobava afeto, territorialismo, pertencimento, essas coisas. Só que hoje em dia, com as redes sociais, muitas dessas fronteiras físicas foram quebradas ou encurtadas. Você hoje se sente parte da comunidade portelense ao usar as redes sociais da escola?

N: Eu sinto, eu me sinto, acho que tão portelense quanto qualquer uma pessoa que frequenta a quadra da escola, por exemplo... Entendeu? Eu acho que não tem... Claro, existirá diferença entre estar lá fisicamente, e tudo, mas o sentimento pela escola eu acho que não é diferente.

A: E aí quando você canta os sambas enredos, que são muito bonitos e tal, teve agora no ano do centenário a exaltação: "O céu de Madureira é mais bonito(...)" "Osvaldo

---

Cruz(...)". Quando você canta esses sambas, exaltando esses bairros e esse território físico, como é que você se sente em relação a esse pertencimento físico do samba?

N: Eu tenho um sonho de conhecer a quadra da Portela, de conhecer Osvaldo Cruz e Madureira... Eu sinto como se fosse o meu lugar também. Pra mim não tem diferença nenhuma. Eu sempre, sempre gostei. Já acompanho a Portela desde antes de existir internet e rede social, então já naquela época eu já sentia, sei lá, como se em uma outra vida eu tivesse vivido lá. É o meu lugar. No Rio de Janeiro é o meu lugar!

A: E nesse consumo de rede social a gente tem, em tese, uma comunicação que é horizontal. Ao contrário da mídia antiga que a TV falava e a gente escutava, hoje em dia a gente consegue "conversar" com a marca e criar laços com outras pessoas que também consomem. Não só a marca, mas, nesse caso, a escola de samba. Através das redes sociais, quando você está ali usando a rede social e você vê o conteúdo da Portela: Você se sente um pouco mais portelense, um pouco mais parte disso? Você chega, começa a conversar com alguém ou então responde o post da escola, você fala... Você se sente ali numa pracinha de Madureira, conversando com os caras. Tem essa sensação?

N: Sim. Tem é... Estar ali fazendo parte daquele grupo que tá debatendo a respeito de um assunto de interesse de todos ali. Faz parte daquele grupo, tu faz parte daquela comunidade. Eu me sinto assim.